

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Giselle Maria Silva

**AS ORIGENS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DAS OBRAS
*CASA GRANDE E SENZALA E RAÍZES DO BRASIL***

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Rubem Barboza Filho.

Juiz de Fora
2016

AS ORIGENS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA A PARTIR DAS OBRAS CASA-GRANDE E SENZALA E RAÍZES DO BRASIL

THE CONSTRUCTION OF BRAZILIAN IDENTITY IN CASA-GRANDE E SENZALA AND RAIZES DO BRASIL

Giselle Maria Silva¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de encontrar, numa abordagem inicial, os modos como Gilberto Freyre, em Casa Grande & Senzala, e Sérgio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil, expressaram o que entendiam por identidade brasileira. As duas obras marcaram decisivamente as análises posteriores, tanto na Antropologia quanto na Sociologia, sobre os aspectos que poderiam conferir particularidade e especificidade à experiência de construção da sociedade brasileira e de seus modos de auto representação. Fundamentalmente, os dois autores, com perspectivas diferentes e em graus diferentes, souberam perceber aspectos cruciais da formação da nossa sociedade e de nossa identidade

PALAVRAS-CHAVE: pensamento social brasileiro, identidade brasileira, miscigenação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to find the ways in which Gilberto Freyre in Casa Grande & Senzala, and Sérgio Buarque de Holanda in Raízes do Brasil, expressed what they understood by Brazilian identity. The two works decisively marked the further analysis, both in anthropology and in sociology on aspects that could give particularity and specificity to the construction experience of the Brazilian society and its modes of self-representation. Fundamentally, the two authors with different perspectives and in different degrees, were able to understand crucial aspects of the formation of our society and of our identity.

KEYWORDS: Brazillian social thought, Brazillian identity, racial mixing

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país relativamente jovem, influenciado por diversas culturas e povos dos mais variados, associados em um território que nos primórdios de sua descoberta pelo homem branco, não foi visto com olhos interessados, mas que com o passar dos anos foi se mostrando uma região repleta de atrações das mais diversas e, dessa forma, um excelente e atrativo meio de obtenção de riquezas por parte dos europeus. Embora este tipo de afirmação seja do conhecimento de todos aqueles que passaram pelo ensino básico, ela não é comum à maioria dos brasileiros. Ocupada em sobreviver, a grande massa dos brasileiros não tem tempo e informações suficientes para um questionamento a respeito do que somos, de nossas origens, de nossas tradições, da nossa multiculturalidade, das nossas diferenças de toda ordem e da justiça em nossa sociedade. A noção de povo não parece habitar o consciente do brasileiro, e, obviamente, escapa ao brasileiro a consciência do poder de um povo unificado, o que acaba por beneficiar apenas aqueles que detêm o poder, em suas variadas formas.

Daí a importância de se dar a devida ênfase aos estudos que se propuseram buscar as nossas “raízes”, através de investigações cuidadosas e interessadas em desvendar os aspectos e processos de nossa história que ainda hoje impactam a realidade brasileira e sua especificidade. E isso tanto no plano macro-estrutural quanto micro-estrutural. Em se tratando do estudo das obras acima mencionadas, não nos cabe tentar estabelecer que um autor seja superior ao outro, ou esteja mais correto que o outro. O importante é dar o devido valor e apreender o conhecimento fornecido, agregando um conhecimento adquirido ao outro de forma a obter um senso crítico que possibilite ao cidadão questionar, indagar e, não somente, acatar o que é transmitido.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: gisellemaryas@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Rubem Barboza Filho.

As obras *Casa-grande e Senzala* e *Raízes do Brasil* foram capazes de inaugurar no país um novo modo de pensar a história brasileira com todas as suas peculiaridades. E é claro não foram as únicas; foram precursoras no que tange ao surgimento de grandes obras de grandes estudiosos e cientistas sociais que agregaram linhas diversas de pensamento acerca da formação social deste país chamado Brasil.

2. DUAS OBRAS PRECURSORAS DE UMA NOVA ÓTICA ACERCA DO SURGIMENTO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

2.1. Casa Grande e Senzala

Inserido no contexto brasileiro da década de 1930, Gilberto Freyre pertenceu a uma fase, na qual estava em pauta questionamentos acerca do que poderiam ser considerados elementos verdadeiros e cruciais para a formação social deste país chamado Brasil. Quais seriam as características que culminaram na formação do que pode ser chamado de identidade do povo brasileiro como um todo. Quais seriam os fatores responsáveis por esta identidade nacional do país.

O autor buscou inúmeros registros que o permitissem investigar os primórdios do período colonial, ou ao menos, o início do que pudesse ser considerado o processo de constituição da sociedade brasileira.

Apesar de *Casa Grande & Senzala* ser considerada uma obra consagrada, o autor foi alvo de várias críticas, já que abordou a instabilidade das diferenças. Seu foco não foi atribuir uma identidade nem ao índio, nem ao negro, nem ao “homem branco”, tendo em vista que o que houve foi um processo de mistura das diversas culturas envolvidas. Diferenciou raça de cultura, pois esta sim deve ser abordada e estudada e não aquela. Rompeu com as premissas existentes, recuperando a complexidade que reside nas primeiras relações socioculturais formadoras do país.

Reconhecendo o materialismo histórico, no que tange a importância significativa da tríade latifúndio, escravidão e monocultura, Freyre defendeu que não poderia analisar a sociedade a partir de tais elementos somente, pois esses mesmos fatores existentes em outros países culminaram em desfechos diferentes. Fatores mais sutis teriam sido cruciais na formação da sociedade brasileira, e estariam mais ligados às relações pessoais e afetivas que às relações econômicas propriamente ditas. De outra maneira, Freyre quis que o andamento do seu livro refletisse inteiramente a natureza relacional da construção da sociedade brasileira, pois nenhuma figura de nossas origens – o senhor, o escravo, o índio, o mulato – poderia ser explicada fora de suas relações mútuas. Estão presentes as diferentes relações, a de dominação, inclusive, mas também, a afetiva, de certa forma, segundo a análise de Freyre.

O autor optou pela tentativa de decifrar tal complexidade examinando o ponto mais saliente, que no caso é o processo de miscigenação. Observou a escassez como resposta a esse processo de miscigenação, a escassez a qual estamos tratando, é de mulheres brancas, o que não ocorreu em outras colônias americanas. As “zonas de confraternização” entre brancos, índios, africanos e mestiços, próprias da mestiçagem, teriam impedido o processo de aristocratização que houve em outros países latino-americanos.

No Brasil, não houve uma forte aristocracia, pois não houve um efetivo distanciamento entre escravos e senhores, pelo contrário, além da proximidade física, houve uma fragmentação de terras entre filhos legítimos e ilegítimos, base do que seria a democracia social tratada por Gilberto, e não uma democracia racial, como fora julgado.

O processo de miscigenação multiplicou as diferenças, mas não foi uma mistura étnica estritamente, mas principalmente uma ampla mistura cultural. De acordo com sua tese, a miscigenação produziu uma civilização original, nascida da estruturação familiar: casa-grande e senzala.

A casa-grande e a senzala juntas compunham, na visão do autor, uma estrutura completa com sistema econômico, político, social, sexual e, inclusive, religioso, próprios. Tamanha integração teria atenuado a distância entre negros e brancos. A estrutura social existente teria sido resultado do sistema de produção, pois a monocultura latifundiária fora o eixo ao qual se prendiam senhores, escravos e demais integrantes, garantindo a unidade e, conseqüentemente a força de tal sistema. A obra evidencia as relações sexuais existentes entre os integrantes da casa-grande e da senzala, o que estreitava de certa forma os laços existentes. O Brasil teria sido formado e se transformado, na visão de Freyre, a partir dessa fusão de culturas e se fundamentado no patriarcado. Dessa forma, havia o que ele chamou de equilíbrio de antagonismos advindos dessas relações.

No primeiro capítulo da obra *Casa-Grande & Senzala*, o autor se preocupou em tratar dos componentes gerais que estiveram presentes nos primórdios da formação social brasileira. A estrutura social inicial estaria fundamentada na agricultura, no patriarcalismo, na escravidão como técnica de exploração econômica e na

relação entre os portugueses e as índias. Os primórdios dessa nova sociedade que estava nascendo, estiveram muito mais sob o olhar do particular, ou seja, dos homens portugueses que transferiram suas vidas e famílias para cá, que propriamente de um domínio efetivo da coroa portuguesa. Portugal, devido a sua proximidade tanto com a Europa quanto com a África, estaria à mercê de uma duplicidade no que diz respeito a sua identidade, porém, influenciado historicamente de forma mais profunda pelos ares africanos, o que teria amolecido, de certa forma, os traços rígidos herdados do povo europeu. Dessa forma, pode-se entender a predisposição portuguesa para formar híbridas e escravocratas de colonização.

Acerca do caráter português, foram observados traços dicotômicos. O autor chamou de momentos de calma, seguidos de rompantes heroicos. O antagonismo presente no âmago do português, proveniente da herança das duas culturas, europeia e africana, resultou em traços presentes no momento da colonização do Brasil. Fatores como a predisposição para o clima tropical, além do caráter adaptável e de transição foram imprescindíveis. Bem mais importante que a capacidade do português em se adaptar, foi sua capacidade de se misturar, ou seja, o processo de miscibilidade proporcionou a este povo restrito, em se tratando de número populacional, a conquista de consideráveis extensões de terra. Segundo Gilberto Freyre:

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas. (...) (FREYRE 1930 p. 70/71)

Tratando-se do início da formação da sociedade brasileira, não podemos deixar de dar a devida importância à herança deixada pelos povos originários. Mesmo com a colonização e apropriação do território brasileiro pelos portugueses e a consequente tentativa de desintegração das culturas indígenas, muitos elementos permaneceram e fazem parte, ainda hoje, do nosso cotidiano. O autor destacou o Brasil mediante as outras sociedades da América, como sendo a mais flexível no que tange a troca cultural resultante das relações de raça existentes no período colonial.

É demasiada a relevância da mulher indígena sob a ótica de Gilberto Freyre. Não somente no aspecto do intenso processo de miscigenação como mencionado anteriormente, mas também da sua forte influência em hábitos que foram transferidos através das gerações: o uso de remédios caseiros, do consumo de certos alimentos, tradições referentes à criação e desenvolvimento das crianças, higiene pessoal, entre outros. Dessa forma, o Brasil é o país do continente americano no qual mais se permitiu que traços do povo dominado se sobressaíssem e se perpetuassem, integrando-se de forma definitiva às características da sua identidade. Em se tratando da sexualidade indígena, ao contrário do que se supõe, dada a nudez e liberdade inerentes ao índio, sua sexualidade era cercada de tabus, o que influenciou e muito a cultura brasileira.

No capítulo terceiro da obra, o autor procurou esmiuçar o perfil do colonizador português em busca de continuar sua “investigação” sobre a herança deixada por esse povo. Pelo que se pode observar a partir da análise de Freyre, o colonizador português, se comparado com outros colonizadores do continente americano, teria sido o que mais se relacionou com as raças consideradas inferiores e, dessa forma, teria sido o menos cruel com seus escravos. Importante destacar o ódio português ao espanhol e ao mouro, povo este que mais tarde deixaria traços marcantes no tipo brasileiro.

Contra os considerados hereges travou-se, entretanto, guerra ferrenha, na qual uniram-se jesuítas e senhores de engenho, paulista e baianos. Unificaram-se classes tão distintas em nome da imposição do catolicismo. A guerra contra os mouros fora então substituída pelo ódio ao herege. O poder que era atribuído às Igrejas pelos portugueses, foi atribuído à Casa grande de engenho e aos seus senhores, no Brasil. Dessa forma, os senhores de engenho tornaram-se os verdadeiros adversários dos Jesuítas. Houve estreitamento nas relações da maioria dos vigários e dos integrantes da Casa grande de tal forma, que muitos, inclusive, por lá moravam.

Interessante a observação de que o colonizador português teria se voltado para a “pureza da fé” e não do sangue devido à falta de sentimento ou reconhecimento de sua superioridade em relação a outros povos, inclusive de sua própria colônia. É uma ótica diferenciada, tendo em vista que o que fora passado ao longo dos tempos seria a busca desenfreada por fiéis. A ideia de um português xenófobo foi refutada por Freyre, alegando ser o direito lusitano um dos mais liberais e não prejudiciais às minorias (mouros e judeus), além do seu destacado cosmopolitismo, mesmo com um nacionalismo precoce. Tal espírito cosmopolita, tendo sido favorecido principalmente pela sua situação geográfica, banhado pelas águas marítimas. Sobre o aspecto sociológico, Freyre argumenta:

Não nos interessa, porém, senão indiretamente, neste ensaio, o aspecto econômico ou político da colonização portuguesa do Brasil. Diretamente, só nos interessa o social, no sentido particular de social que coincide com o sociológico. E nenhum antecedente social mais importante a considerar no colonizador português que a sua extraordinária riqueza e variedade de antagonismos étnicos e de cultura; que o seu cosmopolitismo. (FREYRE, 1933 p.276)

O mais relevante na figura do português, de acordo com a obra, é sua gama de antagonismos étnicos e culturais, o que reflete demasiadamente no Brasil que conhecemos, com todas as nuances e particularidades. Estar localizado entre continentes tão diferenciados culturalmente como a África e a Europa fez com que a constituição social refletisse características inerentes às duas regiões e por isso, suas classes e instituições não obtiveram uma definição mais rígida ou sólida.

Quando se trata da origem étnica do povo português, a conclusão que se tem é de indefinição de um tipo exclusivo. Os seus ancestrais possuem genealogia mista e devido a sua posição geográfica, houve intensa facilidade à mobilidade de várias etnias, o que proporcionou tal aspecto da sua formação social. Foi esse povo, já mestiço na sua antropologia e na sua cultura que colonizou o Brasil. As características do meio louro fizeram-se mais frequentes no Brasil que em Portugal.

Os remotos contatos culturais e raciais sempre foram um elemento marcante no decorrer da história da humanidade, em algumas ocasiões foram dificultados, porém, nunca impedidos, e em Portugal, tais contatos foram, inclusive, mais facilitados. Invadidos pelos romanos, e posteriormente, tomados por demasiadas e consecutivas invasões, o povo português se influenciaria pelo direito escrito dos romanos e pelos invasores do Norte estariam influenciados no seu costume. Amaciando, segunda Freyre, os antagonismos, surgiria o direito português.

Um outro ponto interessante no que tange a influência portuguesa no que hoje podemos chamar de tipo brasileiro está ligado ao mouro. Segundo Freyre, a figura moura esteve entrelaçada aos primórdios da economia agrária brasileira. Grande parte da cultura moura foi inserida no que viria a ser cultural no Brasil e ainda hoje está impregnado no tipo físico brasileiro. Foram imprescindíveis na técnica de cultura da cana-de-açúcar, que logo se tornaria responsável pelo desenvolvimento econômico e social da colônia portuguesa. Foram promotores da técnica de produção e utilização econômica da cana.

No que tange à importância da figura do negro africano na formação do país, Gilberto Freyre, usou uma linguagem pessoal, se enquadrando na posição de senhor e homem branco. A abordagem do autor acerca dos negros quase transpassa a ideia de que este povo tenha sido totalmente passivo e conformado com o fato de terem sido trazidos de sua terra natal, retirados das suas famílias, das suas relações afetivas e sociais, da sua cultura, da sua identidade. Os negros não aceitaram passivamente o fato de terem perdido sua liberdade, porém, tal liberdade era relativa, haja vista o fato de estarem teoricamente “familiarizados” com a escravidão, como consequência dos frequentes conflitos tribais, nos quais os vencidos eram detidos e escravizados.

O que se pode apreender de tal questão é o fato da escravidão não estar atrelada à noção de inferioridade racial. Muitos escravos eram culturalmente e intelectualmente superiores aos seus opressores. Com a perda de identidade do homem africano trazido e aprisionado no Brasil, houve uma necessidade de adaptação por parte dos que resistiram a este processo depredatório. Não houve saída para o negro a não ser criar uma nova relação social com os brancos, com os indígenas e, inclusive, entre si, ocasionando dessa forma um dos fatores principais que culminaram no Brasil que ora conhecemos. Gilberto Freyre argumenta que:

“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota do africano”. (FREYRE, 1933, p.367)

Diversos elementos devem ser ressaltados como herança dos negros africanos na constituição desse conjunto de influências que coexistiram na construção do todo que é o Brasil. Muitos dos hábitos, crenças e saberes que hoje são compartilhados e pensados como sendo tipicamente brasileiros são provenientes dessa cultura que já existia do outro lado do oceano. Perde-se sutilmente a noção do quanto somos afrodescendentes sim, todos nós brasileiros.

Nos dias comuns, tanto os colonizadores, quanto escravos e índios eram desprovidos de uma alimentação ao menos satisfatória, situação esta que se prolongou até a República. Com a predominância da monocultura no cenário econômico-social brasileiro, a alimentação era extremamente carente em se tratando de nutrição. Havia carência de proteína, legumes e demais fontes naturais de nutrição, e tal situação não se deu somente com as classes menos favorecidas, atingindo desde a senzala até a casa-grande. Os senhores de engenho não ficavam de fora deste déficit alimentar. Alguns chegavam a encomendar de Portugal, carne e cereais

dentre outros artigos, porém, os alimentos chegavam já sem o seu potencial nutritivo e praticamente em estado de putrefação, tendo em vista a distância e o mal acondicionamento. É pesadosa a constatação de que a sociedade brasileira se deu com o ônus de uma carência alimentar de tal amplitude, que de forma considerável pode explicar a discrepância física e intelectual perante os europeus, frisa Gilberto Freyre, e até então tal consideração era atribuída somente ao processo de miscigenação e a condições climáticas.

Mesmo em Pernambuco, por volta do fim do século XVIII e início do século XIX, estado potencialmente latifundiário e açucareiro, com uma terra agrícola de extrema qualidade, teve seus habitantes carentes e sofridos por falta de mantimentos. Era permitido aos vizinhos dos senhores de engenho que plantassem somente a cana. O gado não chegava para o consumo. Portanto, segundo Freyre, a sociedade brasileira foi um dos povos mais prejudicados tendo em vista sua eugenia, comprometendo assim, sua capacidade econômica a partir da deficiência alimentar.

Cabe mencionar que o estado de São Paulo praticou a vida semi-rural em oposição à latifundiária e mesclou as atividades agrícolas e pastoril. Dessa forma, houve uma considerável diferença entre a saúde física e, portanto, econômica dos paulistas mediante outros estados brasileiros.

2.2 Raízes do Brasil

Acerca da obra *Raízes do Brasil*, podemos nos ater a tese do autor tratando dos capítulos quatro e cinco. Buarque de Holanda se utiliza da intitulação “O sementeiro e o ladrilhador” para construir uma metáfora referente às diferenças entre portugueses e espanhóis, que se acentuam nas formas de colonização, embora compartilhassem aspectos como os valores e concepções de mundo e de sociedade. Eram aventureiros e ao mesmo tempo possuidores de uma personalidade tipicamente europeia.

Esta composição metafórica qualifica o espanhol como ladrilhador e o português como sementeiro e esta se explica através das diferenças políticas destes. Foi exposto no quarto capítulo as divergências relativas à criação das cidades portuguesas e das espanholas. Ambas fundações tinham implícitas as formas de dominação, não importando o formato e a sua expansão. Enquanto os espanhóis se ocupavam de construir cidades obedecendo a geometria e a um planejamento prévio, os portugueses as criavam adaptando-se às dificuldades do terreno, sem a imposição de uma planta prévia. Mas, num caso como no outro, havia sempre o desejo de explorar recursos nesses territórios, por mais variados que fossem.

Uma crítica apontada pelo autor é de que a noção de “interior” é mal interpretada, pois, desde o século XVI foi criado pelos portugueses esse conceito de região mais atrasada e influenciada por características da cultura urbana.

Consta na argumentação, o aspecto exclusivista dos castelhanos em contraste ao liberalismo português. Isto porque os espanhóis consideravam indesejáveis o convívio entre súditos e sua disciplinarização em que, também representava uma moral de negociantes e era mal definida.

Portugal, apresentava uma flexibilidade relativa das classes sociais e a ascensão não encontrava impedimentos fortes. Já na Espanha, havia raízes profundas da era feudal e, portanto, eram mais rígidas a estratificação e os valores sociais e espirituais. Contudo, o que também foi possível à compreensão é de que a Igreja exercia influência considerável em ambas as colonizações (portuguesa e espanhola) e o processo de colonização brasileira deve ser observado a partir destes processos, mas adotava particularidades condicionadas aos interesses de cada uma destas.

E assim, as diferenças se aplicam também as virtudes econômicas. Mas, a finalidade da obtenção de lucros e vantagens permanecia como principal aspecto colonizador em que o sistema de mediações e vínculos, bem como a honra cavalheiresca também prestava suas contribuições.

O quinto capítulo da obra trata do homem cordial. Nesta discussão, o autor apresenta sua visão em relação ao Estado, na qual diz que este nasce através da violação da ordem familiar e que, portanto, este não pode ser considerado uma extensão do grupo familiar porque o que existe entre essas duas instâncias sociais é uma descontinuidade. Mostra também que a transição ocorrida no campo do trabalho artesanal para o industrial possibilitou uma crise social acentuada porque estimulou o distanciamento dos agentes em função dos interesses de classe. Mais adiante no texto, argumenta que no Brasil, o tipo de família patriarcal e o desenvolvimento da urbanização, bem como os meios de comunicação propiciaram um desequilíbrio social que persistem até a atualidade.

Buarque de Holanda apresenta uma visão da nação se utilizando da inspiração weberiana através da formação de um tipo ideal que é o homem cordial. Esse tipo ideal está inteiramente relacionado à cultura, por valores que orientam as ações e o modo de ser. Agir “malandramente”, mas com cordialidade é também um modo

de ser e simboliza formas de sobrevivência nas relações sociais. Para Buarque, a ausência de demarcação entre o público e o privado é um dos dilemas enfrentados pelos brasileiros em sua construção da sociabilidade e do sujeito cordial

Outro dilema é o fetichismo do oficial e do patrimonial, ou seja, o de naturalização do que é social. Dentre os dilemas, ainda há um outro em que as dificuldades de coesões duradouras e, portanto, não são ideológicas. Na política brasileira se dá através da falta de forças ideológica, da frouxidão das instituições sociais e do modo que foram criadas.

No Brasil, há uma força conciliatória para que os acontecimentos e as situações, por piores que sejam, possam ser também resolvidas através do jeito que possibilita a forma conciliatória. Embora os embaraços das relações sociais possam contar com esse jeito, não poderia ser assim. A ambivalência da nossa cordialidade arraigada e os aspectos que descrevem as raízes do Brasil, enquanto características formadoras da cultura, da malandragem cordial da sociedade, estão também presentes os traços seguintes do modo brasileiro de ser. Em primeiro lugar, o *ethos* individualista e antissocial e este é no sentido que a cultura é orientada. Há, também, por consequência da memória escravocrata o desprezo pelo trabalho.

Por outro lado, persiste o individualismo exacerbado e a incapacidade de renúncia em nome do coletivo. A cordialidade em muitas ocasiões é falseada para que haja formas de se sobressair e conseguir vantagem diante de momentos determinados pelo tipo de situações criadas nas relações.

O sistema de mediações que podem ser linguísticas ou gestuais sugere proximidade ou até mesmo intimidade e o autor aponta o exemplo da terminação “inho” nas palavras que são utilizadas para se referir às pessoas. Mas há outros exemplos gestuais ritualísticos de cumprimento que simbolizam esta proximidade, que também supõe o uso da educação como modo de obtenção de vantagens e de cordialidade. Uma crítica que poderia ser feita ao texto de Buarque de Holanda é que ele generaliza e não considera as exceções que, embora estejam encobertas pela maioria que se utilizam do recurso da avareza para se sobressair nas situações, elas existem.

3. COMPARAÇÃO ENTRE OS DOIS AUTORES

Considera-se que ambos os autores apresentam um arcabouço teórico-metodológico e que foram brevemente mencionados neste artigo, podendo ser posteriormente melhor estudados através de uma pesquisa de maior profundidade teórico-analítica. Foram contemporâneos sob o governo de Vargas, na década de 30, período em que o país vivenciava transformações no âmbito político-econômico e social. O foco produtivo se deslocava da agricultura de exportação para a implantação da indústria. Dessa forma, o processo de urbanização ocasionou o deslocamento do poder da área rural para a urbana. Como consequência, a oligarquia perdia força. Na política, houve a inserção da classe média e da burguesia, ambas as classes insatisfeitas com a República Velha.

O movimento Modernista estava em alta, e no Brasil, ganhou força por estar em harmonia com as mudanças que já estavam ocorrendo em outros setores. Era preciso que houvesse um despertar da sociedade brasileira. O Modernismo foi um movimento cultural com destaque nas artes e literatura, que rompeu com o parnasianismo e simbolismo, representando a independência da cultura no Brasil.

Tanto Sérgio Buarque de Holanda quanto Gilberto Freyre buscaram encontrar a origem histórica ou uma possível explicação para as questões presentes naquele momento da vida brasileira. Ambos optaram por analisar o passado do Brasil, cada um a seu modo e com artifícios particulares, divergentes do que havia sido feito até então.

Gilberto Freyre era membro de família nordestina e aristocrática, estudou Ciências Sociais nos Estados Unidos, alegando contato próximo com Franz Boas (1858/1942), considerado pai da antropologia norte-americana. Já Sérgio Buarque de Holanda, paulista, era modernista, tendo, inclusive, feito parte da Semana de Arte Moderna de 1922. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Em 1929, viajou na função de jornalista para a Alemanha, onde absorveu traços do pensamento sociológico moderno deste país, o que influenciou profundamente a construção da sua obra *Raízes do Brasil* (1936).

Conforme mencionado anteriormente, os dois autores realizaram os seus processos de investigação em diferentes tipos de fontes documentais para suas análises. Gilberto Freyre foi o precursor no uso de documentos particulares como diários de viagem, por exemplo, e não somente no uso de documentos de caráter oficial, como o usual até então.

O que acontecia até dado momento era uma preocupação estritamente política, os demais autores até então não estavam voltados para a construção de obras que abarcassem o aspecto social do país. Era preciso

que a verdadeira realidade brasileira fosse abordada, ou ao menos uma tentativa de se buscar nas origens da formação dessa sociedade, também a origem de várias questões existentes. Havia a necessidade que se houvesse uma análise mais crítica e que não somente aceitasse o que havia sido passado até o presente momento. Era hora de se pensar o país enquanto nação, não separando os grupos existentes, o branco, o índio, o negro, o pobre ou as mulheres, mas sim pensar o Brasil como um todo, com todas as suas particularidades sim, mas sem linhas de pensamentos discriminatórios.

Os dois autores refutaram a ideia de que o processo de miscigenação tenha prejudicado a formação do país e focaram mais no aspecto cultural que no aspecto racial, além de alegarem que os portugueses realmente foram o tipo de colonizador mais apropriado, tendo em vista alguns fatores como aclimatibilidade, bicontinentalidade, mobilidade, miscibilidade. Gilberto Freyre ressalta e defende a importância da força e do trabalho do negro africano e, inclusive, da escravidão. Para ele a instituição escravista fora imprescindível para o andamento econômico nos primeiros séculos do país. A tese de que a relação entre brancos, negros e índios tenha se dado de forma fraterna e solidária na fase do engenho causou demasiadas críticas, pois insinuou que tal encontro tenha ocorrido de forma pacífica e sem atritos, sem sofrimentos. Alguns críticos de Freyre alegaram que sua defesa acerca desse tipo de relação mais “fraternal” tenha existido entre os senhores e os escravos moradores da casa-grande e não do restante do engenho, pois estes principalmente, eram vítimas de torturas e maus tratos.

Freyre, de certa forma, argumentou contra o preconceito em torno da miscigenação a todo momento e de forma sistemática. Valorizou o fato da sociedade brasileira ser dinâmica, o que até então era considerado desorganização ou anarquismo. Investigou as relações sociais na sua integridade, ou pelo menos este foi o seu intuito. Deu ênfase às particularidades desta sociedade de base patriarcal e de várias raças. Criticou o sentimento de inferioridade racial, proveniente do processo de miscigenação. Alegou que, baseando-se nas questões raciais, seria possível ao menos se aproximar de soluções para os variados problemas sociais, e dessa forma, obter o desenvolvimento nacional, através de um Estado centralizado. Como tese principal em sua obra, Freyre argumenta a positividade do país ter se constituído fundamentalmente sobre uma mistura de raças e, portanto, uma grande mistura cultural, o que teria proporcionado a construção de uma sociedade original e com muitas qualidades. Refuta a ideia de que a miscigenação ocorrida no país teria produzido seres humanos inferiores. A fusão dessas três raças, na defesa de Freyre, não foi um erro, pelo contrário, pode ter sido um processo interessante de construção e desenvolvimento de uma civilização com uma identidade única e com grandes valores.

Outro ponto a ser observado é que o governo ou o Estado não se fazem presentes de forma marcante na obra, pois aborda as origens das relações sociais e históricas, tratando dos antagonismos e do que ele chamou de “plasticidade” da sociedade patriarcal.

Para Buarque de Holanda, o elemento mais cercado de consequências na formação social brasileira foi a influência da cultura europeia no terreno americano. Em *Raízes do Brasil*, o autor, por comparação com o caso norte-americano, defende que nossas origens representam de fato um obstáculo ao desenvolvimento do Brasil como uma sociedade democrática. Muito da tradição ibérica está inserido no Brasil. O autor tratou de elementos os quais julgou cruciais para retratar as equivalências ou que podemos chamar “heranças” da cultura ibérica no Brasil. O personalismo, a repulsa ao trabalho, a ausência da meritocracia em benefício da obtenção de privilégio a partir das relações, a frouxidão das instituições e conseqüentemente da estrutura social; todos estes aspectos podem ser considerados como influências portuguesas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a tamanha complexidade do assunto proposto, é possível que muito tenha ficado por ser dito. Muitas obras importantes foram produzidas após *Casa grande e Senzala* e *Raízes do Brasil* - o que nunca as desmereceu - sendo estas duas as precursoras de uma forma inovadora de se pensar o país dentro das suas particularidades de suas origens, e cada autor dentro da sua concepção e dentro de sua experiência intelectual.

Todo brasileiro deveria ter o devido contato com tais obras e todas as que deram continuidade à análise dos aspectos formadores do pensamento social brasileiro, no intuito de se adquirir o senso crítico e a verdadeira consciência do que é ser brasileiro, qual a origem de toda esta gama de aspectos sociais que tanto influenciaram e tanto estão arraigados nos hábitos e crenças do cidadão brasileiro.

Frisando que não foi interesse deste breve estudo, em momento algum, defender um autor em detrimento de outro, pois ambos contribuíram, cada a um a seu modo, de forma significativa para a construção do pensamento acerca do que somos, as possíveis explicações para o ser e agir de certos componentes da sociedade. É sempre relevante buscar em nossas origens os verdadeiros motivos para determinadas situações ocorrerem de determinadas formas. E quem sabe dessa forma, entender que o que está errado não precisa permanecer de

forma errada e que muita coisa pode e deve ser transformada para que os integrantes da sociedade tenham o direito de viver de forma justa e, portanto, digna.

REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 51. ed. Recife: Global, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Valeriano Mendes Ferreira. Vertentes democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. Lua Nova, São Paulo, SP, n. 26, agosto. 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451992000200008. Acesso em: 9 jan. 2016.

FILHO, Rubem Barboza. As linguagens da democracia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, SP, v.23, n. 67, junho. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 10 jan. 2016.

SANTOS, karoline biscardi. Análise comparativa do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil e Gilberto Freyre em Casa-grande & Senzala. Revista Tempo de Conquista. Disponível em: <http://revistatemposeconquista.com.br/documents/RTC2/KAROLINEBISCARDI1.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SOBRENOME, PRENOME(s) abreviado. Título: subtítulo (se houver). *Nome do periódico*, local de publicação, volume, número ou fascículo, mês(s) abreviado. ano. <endereço da URL>. Data de acesso:

